



A REVISTA

SUPLEMENTO DO NOVAS DA GALIZA / NÚMERO 12



O ÚLTIMO CAMINHO-DE-FERRO DA RAIA



As ecopistas são caminhos ótimos para percorrer tanto a pé como de bicicleta / ALONSO VIDAL

O último caminho-de-ferro da raia (I)

PROPOSTA ALTERNATIVA PARA NOS CHEGARMOS, DE BICICLETA, AOS LIMITES DO PASSADO MAIS RECENTE

ALONSO VIDAL / Sabemos que a rede de caminhos-de-ferro na Galiza é tratada desde o poder com o desleixo próprio da ignorância. Para que se querem comboios de proximidade se nestes tempos já nada nos é próximo? Sabemos que à administração interessa apenas o TAV para chegar quanto antes a Madrid ou a Lisboa. Desmoronam-se as pequenas estações e os antigos apeadeiros estão cobertos de silvas e lixo. Abandonando o comboio tradicional, procura-se talvez soterrar um passado em branco e preto.

Do NOVAS DA GALIZA propomos voltar a ele durante um fim-de-semana para darmos um passeio distinto. Não podemos enganar os leitores: Não será fácil, sobretudo a primeira parte: Teríamos que sair da nossa casa de bicicleta cara à estação de comboio mais próxima. Apanhar o comboio, meter a bicicleta dentro (os caminhos de ferro portugueses têm lugar para bicicletas), e dirigir-nos para o Sul se moramos na Galiza, ou para o Norte, se em Portugal.

Deveremos tirar o bilhete para Tui-Centro (nom Guilharei). Provavelmente, após de milhares de transbordos e esperas de intermináveis minutos em estações, se ainda mantemos em pé o ânimo inicial é simplesmente porque a segunda parte do passeio vai valer com certeza a pena.

Se apanharmos o comboio em Tui, teremos ocasião de cruzar o Minho pela velha Ponte Internacional, que para os portugueses sempre foi a “Metálica”. A velocidade diminui quase a altura de um passeio e podemos observar à nossa frente pelas janelas da direita a desafiante muralha de Valença, ou se o preferirmos, olhando para a esquerda e atrás, a

velha cidade galega. Apreciaremos a catedral fortaleza e, se repararmos muito, o tecto do Teatro Principal, destruído para vergonha das autoridades competentes.

A chegada à velha estação de Valença será para nós o regresso aos tempos dos primeiros anos dos caminhos-de-ferro. Receberemos o cais de um imponente edifício de 1884. Singulares casas de banho de outras épocas, lindamente decoradas e restos do que fora um delicado jardim. Se gostamos do mundo dos caminhos-de-ferro, podemos conhecer mais no Museu Ferroviário; ali mesmo na exposição das antigas cocheiras, teremos a locomotiva a carvão e os velhos vãos e utensílios ferroviários

Saímos da estação e na nossa bicicleta vamos para a direita até encontrar um semáforo. Enquanto vermelho, aproveitamos para reparar em que na nossa frente está a Escola Secundária de Valença e, ao seu lado, ao pé mesmo da via, a magnífica e moderna Biblioteca Municipal. Semáforo verde, viramos para a direita para, passando por cima da via, virar para a esquerda imediatamente. Chegamos assim, apenas 300 metros mais tarde, à Ecopista do Minho. Foi o único trecho que compartilhámos com o trânsito motorizado.

As ecopistas portuguesas são as “Green way” europeias: antigas linhas de comboio em desuso e adaptadas a usos de lazer, passeios e rotas. A razão do termo “ecopista” há que procurá-la nas autoestradas portuguesas: a expressão “Via verde” está reservada ali às passagens que permitem cruzar sem se deter nas portagens.

Nós usaremos a ecopista como via



Ecopista que passa pela antiga estação de comboio de Verdoejo / ALONSO VIDAL

APROVEITAMOS A ECOPISTA COMO VIA DE CONHECIMENTO DE UM CONTORNO RICO EM HISTÓRIA, TRADIÇÃO E PAISAGENS, GRANDE PARTE DELES DENTRO DA REDE NATURA

de conhecimento de um contorno rico em história, tradição e paisagens, grande parte deles de Rede Natura.

A antiga Casa da Linha, no começo da rota, foi transformada no Centro de Interpretação da Ecopista. Resume a história da linha Valença-Monção, inaugurada em 1915 e fechada definitivamente em 1990.

O primeiro quilómetro será através de frondosas carvalheiras, escavando a zona da Urgeira, que fica acima nossa, até chegar ao miradouro da veiga de Ganfei. Daí podemos

contemplar umha perspectiva distinta da cidade de Tui, sempre imponente, da fortaleza valenciana e da centenária ponte de ferro que dizem internacional.

Uns metros mais adiante alçaremos a vista para a direita cara ao mosteiro e claustro beneditino de Ganfei que remonta provavelmente ao séc. VII. Na parte que dá à ecopista o estado de conservação é penoso, mas a parte sul, da entrada, merece a pena. Para nos achegarmos devemos cruzar a estrada e subir umha pequena pendente. Se algum tipo de interesse artístico nos empurrar a fazê-lo, podemos aproveitar para prosseguir cara ao centro de Ganfei, onde, além de construções típicas, se situa a capela barroca de São Teotónio, no lugar onde a tradição diz ter nascido este primeiro santo português. Umha estátua sua na praça parece querer insistir na ideia.

Desde aí, baixando cara à direita voltaremos de novo a estrada e à ecopista, justo no momento de ver a velha estação de Ganfei. Restaurada da mesma forma que as demais estações da linha do Minho, traz-nos imagens do que poderia ser o transporte de passageiros e mercadorias pela metade do século passado.

Continuamos a linha da memória

para à próxima de Verdoejo, esta de dois pisos com preciosas casas de banho exteriores restauradas à moda antiga e um apeadeiro enfrente. Mas também podemos parar no parque de merendas. Para isso devemos deixar a ecopista virando à esquerda e dirigir-nos ao rio por umha estrada sem trânsito que cruza a Veiga. Desde do parque apenas uns centos de metros para contemplar a ínsua do Conguedo, uma língua de terra, refúgio de fauna do Minho.

As pesqueiras abundam nessa zona do rio. Desde há muitos anos aqui caíam lampreias, enguias, salmons, truitas, sáveis.... Na altura os pescadores eram obrigados a dar aos monges de Sanfins o primeiro salmão ou truita apanhada no couito.

Esta língua de terra guarda também muitas memórias das relações transfronteiriças sobretudo do contrabando que perdurou até à abertura das fronteiras. Aí mesmo, “o antigo porto fluvial da Gingleta albergava muitas embarcações e a memória das medievas barcas de passagem para a Galiza”. Voltamos para a ecopista na zona da Estação de Verdoejo. Continuamos a pedalar; a linha é recta. Uns centos de metros mais adiante, à esquerda, saímos para nos encontrar no Adro Velho uns restos de sarcófagos medievas e um cruzeiro barroco.

De volta na ecopista, procuramos na freguesia de Friestas a ínsua do Crasto. Aí, em pleno Minho, o famoso aviador Lindbergh – que no ano de 1927 foi o primeiro a cruzar o Atlântico no seu famoso “Spirit of St. Louis” – viu-se obrigado, em Novembro de 1933, a efectuar umha descida de emergência no rio que deu em ser um autêntico acontecimento social. Mas essa história, junto com a do mosteiro escondido, som pedaladas pendentes para o próximo número.



A nova paisagem rural

FOTO-REPORTAGEM

FOTOS E TEXTO: JÉSSICA REI

A visom romântica e nostálgica da paisagem tradicional e rural galega sobrevive na óptica folclórica e espanhola, mas também em todas aquelas apreciações supérfluas e rápidas que a miúdo se nomeiam em relação com o rural, incluída a dumha parte importante do nacionalismo galego.

O conceito do "feísmo" veu lhe dar nome ao impacto sensorial da perda dessa imagem bucólica e pastoril da Galiza. Um termo que nada mais fala

de estética e que evita enfrentar-se aos problemas reais do meio circundante.

A paisagem é construída polos indivíduos que vivem nesse espaço, pola sua economia, a sua geografia e a sua cultura. Mas para as pessoas que fam e vivem a paisagem nom há umha categorização ou qualificação dela, já que pertencem a ela; nom assim para as pessoas externas ao meio que contemplam e avaliam a paisagem.

Este distanciamento, junto com a desconhecida e ignorada situação do

agro, provocam a sensação de que a responsabilidade do estado da paisagem rural é dos próprios agricultores e do seu mau gosto. É significativo o exemplar caso de *La Vos de Galicia* que mantém umha seção no seu site web chamada de "Chapuzas Gallegas" que produz um juízo grotesco do "aldeao-paisano-galego-que-nom-tem-um-gosto-refinado".

As questões de fealdade e de beleza som totalmente equívocas e nom denunciam mais que umha desconformidade nas convicções estéticas

mais íntimas, sem concretizar os problemas reais desse efeito.

A nova paisagem rural galega é um ecrã em que está impressa umha crise definitiva: o esmorecimento da cultura resistente campesina, que deve morrer em prol da implantação do sistema de produção massiva: abrindo indiscriminadamente vias de comunicação, mecanizando o agro para a sua industrialização, envolvendo-se numha moreia de lixo procedente dos novos materiais próprios da sociedade do consumo...



Fotografias tiradas na paróquia de Barbeiros, comarca de Ordes, umha zona em que a ganadaria é a principal actividade económica





Agosto a gosto!

Seguramente já o teríades notado, mas www.seioque.com fechou por férias. Talvez seja umha falta de modéstia dizê-lo, mas (que demo!) temo-las bem merecidas. Durante o período estival (que esperamos que para vós seja tam proveitoso como para nós) recomendamos-vos praticar a nossa palavra de ordem: "Contra Espanha e o Capital, *dientes, dientes que es lo que les jode*". E como os bons estudantes, já sabedes: voltamos em Setembro! Viva Galiza ceive na CPLP!



Eduardo Blanco Amor (à direita na foto) num acampamento da YMCA (Young Men's Christian Association). Argentina, década de 1920.

Diário de... Gennara del Bruzzo

20/07/2009 - 20 de Julho de 1936

Tal dia como hoje começou a sublevação fascista na Galiza. Em 20 de Julho, e nom entre 17 e 18, que som as datas oficiais de início do *Alzamiento*. O nosso amigo e companheiro Manuel Morrinha assinala esta circunstância para reclamar, e com toda a razom, que «vão sendo horas de descolonizarmos, também, o nosso calendário». Bem falado, Manuel!

21/07/2009 - Desmobilização e golpismo permanente da direita espanhola

Arthur Pondal Doylhe lembra que a esquerda espanhola, polo geral, esquece que a sua antagonista, a direita, é recorrente no uso da tática golpista. Nom nega que ainda persistem a patina católica, que antes era ultramontana, agrária e latifundiária e agora financeira e tecnocrata opusina. Mas o golpismo segue a formar parte da sua forma de fazer as cousas. A direita espanhola nunca descansa, como tampouco vai de férias (salvo em quinta-feira santa, em 12 de Outubro e em Natal). O resto do ano conspira. E polo meio, o fraudulento inquérito do galego, cujos resultados se demoram.



O conselheiro da Educação, Jesús Vázquez, evidencia um espantoso parecido com Herr Otto Flick, personagem da sitcom britânica 'Allo 'Allo! (e para guardar a surpresa, nom lhes dizemos quem é quem!)

23/07/2009 - Miss 'Depende'

Há poucos dias, a corunhesa Estíbaliz Pereira deu em ser a terceira galega em obter o título da mulher mais bela do Império Pequeno. Ainda nom sabemos se, como Emília Docet, a primeira em atingir este reconhecimento, a Estíbaliz também nos surpreenderá gratamente com um "Viva Galiza Ceive!". Nom nos chamedes ilusos porque tenhamos umha ilusom!

24/07/2009 - 25 de Julho ou 17 de Dezembro?

Em véspera do Dia da Pátria Galega e da Oferenda ao padroeiro das Espanhas, parecemos oportuno lembrar que o debate sobre a laicidade estivo sempre presente no pensamento galeguista. Neste debate há que inserir a proposta de escudo «civil» de Galiza desen-

hado por Castelao, que evitava cuidadosamente o uso de símbolos religiosos como o cálice ou as cruces, «dispois do sacrílego proceder da Eirexa católica no noso país». Ligado com isto e outras cousas, o certo é que a coincidência da Festa Nacional galega com o dia do apóstolo Santiago, santo padroeiro do Império Pequeno, nom conven-

ce todo o mundo. Tampouco ao nosso amigo Franco Vicetto, quem indirectamente alude a 17 de Dezembro, data da decapitação de Pardo de Cela («seria um filho da puta, mas era o nosso filho da puta»), como possível alternativa. A fim de contas, também ele foi morto polo Império Pequeno.



Apesar das nossas observações, igualmente participamos nas celebrações do 25 de Julho. Entre elas o Festigal, aonde em colaboração com a AGAL levamos esta formosa camisola